

AS PRESENCAS NEGRAS NOS LIVROS PARA AS INFÂNCIAS PUBLICADOS PELA MAZZA EDIÇÕES NA EXPOSIÇÃO KARINGANA 2023

BLACK PRESENCES IN CHILDREN'S BOOKS PUBLISHED BY MAZZA EDIÇÕES AT THE KARINGANA 2023 EXHIBITION

Lariane Casagrande

ORCID 0009-0006-7526-1776

Universidade Federal do Paraná, UFPR

Curitiba, PR, Brasil

larianecasagrande@gmail.com

Ronaldo de Oliveira Corrêa

ORCID 0000-0003-1894-1944

Universidade Federal do Paraná, UFPR

Curitiba, PR, Brasil

olive.ronaldo@gmail.com

Resumo. Tomando a casa editorial Mazza Edições como pioneira no seguimento editorial dedicado à circulação de literatura e visualidade produzida e editada por pessoas negras no Brasil, neste estudo de caráter qualitativo exploratório, analisamos a presença da casa editorial na exposição “Karingana: Presenças negras no livro para as infâncias” – de 2023, a fim de entrar em contato com algumas das visualidades produzidas por ilustradoras e ilustradores, negras e negros em livros ilustrados editorados pela Mazza Edições. Para tal, utilizamos a metodologia de avaliação técnica de Marília Xavier Cury (2012), em conjunto com o aporte teórico de Beatriz Nascimento (1985), Lélia Gonzalez (2020) e Antônio Bispo dos Santos (2007). Como resultado, apresentamos a identificação relacional entre obras, ilustradoras/ilustradores e casa editorial, reforçada pela abordagem proposta para a exposição; a qual dialoga com a preocupação com a transmissão de conhecimento e sua circulação, por meio de estratégias como o aquilombamento, para operar a favor de transformações nas estruturas sociais.

Palavras-chave: Editoras negras; Livros ilustrados; Expografia; Aquilombamento.

Abstract. Taking the publishing house Mazza Edições as a pioneer in the editorial segment dedicated to the circulation of literature and visuality produced and edited by black people in Brazil, in this exploratory qualitative study, we analyzed the presence of the publishing house in the exhibition “Karingana: Black Presences in the Book for childhoods” – from 2023, in order to get in touch with some of the visualities produced by black illustrators in books published by Mazza Edições. To this end, we used the technical evaluation methodology of Marília Xavier Cury (2012), together with the theoretical contribution of Beatriz Nascimento (1985), Lélia Gonzalez (2020) and Antônio Bispo dos Santos (2007). As a result, we present the relational identification between works, illustrators and publishing house, reinforced by the approach proposed for the exhibition; which dialogues with the concern with the transmission of knowledge and its circulation, through strategies such as “aquilombamento”, to operate in favor of transformations in social structures.

Keywords: Black publishers; Illustrated books; Expography; Aquilombamento.

1. INTRODUÇÃO

Para este trabalho, partimos do desejo de entrar em contato com algumas das visualidades produzidas por ilustradoras e ilustradores, negras e negros, em livros ilustrados editorados pela Mazza Edições. Para isso, retomamos aspectos históricos da Mazza Edições (Belo Horizonte, 1981) imbricados à trajetória de vida de sua fundadora, Maria Mazarello Rodrigues (Ponte Nova MG, 1941). Apresentamos, a partir da estratégia de descrição, a exposição *Karingana: Presenças negras nos livros para as infâncias*, bem como, as obras presentes na exposição, publicadas pela casa editorial Mazza edições.

Para dar suporte a estratégia de descrição da expografia e as reflexões, que perpassam a complexidade de relações sociais presentes na atividade de design, lançamos mão da metodologia de avaliação técnica, proposta por Marília Xavier Cury (2012), em conjunto com o pensamento de Beatriz Nascimento (1985), Lélia Gonzales (2020) e Antônio Bispo dos Santos (2007).



Nossa intenção ao apresentar alguns dos aspectos históricos da casa editorial e as obras publicadas pela Mazza Edições, circunscritas ao espaço da exposição Karingana, não é a de produzir uma análise aprofundada das visualidades, mas a de compreender o contexto em que elas estão inseridas, em um movimento de aproximação com o tema. O enfoque para os títulos se deu pelo direcionamento as visualidades produzidas por ilustradoras e ilustradores negras e negros, e também para os aspectos relacionais entre espaços, expressões artísticas e pessoas que produziram e compartilharam arte, informação e conhecimento, sobre e especialmente, voltado para a leitora negra e o leitor negro.

É relevante mencionar que este texto parte de uma pesquisa¹ que não começou da investigação de editoras negras, mas configurou-se assim pela impossibilidade de acesso as visualidades de ilustradoras e ilustradores negras e negros em espaços instituídos, como é o caso do Prêmio Jabuti². O qual registrou apenas um ilustrador negro (Rui de Oliveira³) premiado nas categorias ilustração e ilustração infantil ou juvenil, em 63 anos de premiação (1959 – 2022).

Nesse sentido, entendemos que entrar em contato com a presença da Mazza Edições na Exposição Karingana dá relevo para algumas lacunas históricas, relacionadas a contextos e disputas, ligadas à ausência de documentação e ao apagamento histórico, que são a base dos modelos instituídos. É a partir desta perspectiva que perguntamos: é possível apontar o livro como ponto de partida para uma rede de trajetórias profissionais que se conectam, subvertendo a lógica dos modelos instituídos, que apaga sistematicamente da produção acadêmica da disciplina de design corpos e produções negras?

2. A CASA EDITORIAL MAZZA EDIÇÕES

Maria Mazarello Rodrigues (Ponte Nova MG, 1941) fundou em Belo Horizonte, em 1981, a casa editorial Mazza Edições: uma das pioneiras no seguimento editorial dedicado à circulação de literatura e visualidade produzida e editada por pessoas negras no Brasil. Não à toa, fundadora e casa editorial estão imbricadas até mesmo pelo apelido: Mazza. Por mais de 40 anos é ela, Maria Mazarello, quem está à frente de sua editora. Aos 81 anos, é ela quem coordena todo o trabalho de produção, além de cuidar da curadoria dos títulos: “Eu não publico nada – nada, nada, nada – sem antes ler” (Gomes, 2007; Lobato e Lage, 2024).

O nome de origem italiana, Maria Mazarello, vem da santa canonizada pelo papa Pio XII em 1951, Maria Domenica Mazzarello (Mornese, Itália, 1837-1881), co-fundadora e diretora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, as Irmãs Salesianas⁴, que possuíam obras sociais expandidas para Europa e América, voltadas à educação da população pobre, as quais possibilitaram a então editora Mazza completar o ensino fundamental no Brasil, em Ponte Nova, sua cidade natal (Gomes, 2007).

Ponte Nova era uma cidade rica, produzia açúcar e café. Era também uma cidade cultural, e recebia vários jornais, inclusive do Rio de Janeiro. Minha mãe trazia da casa das freguesas os jornais que já tinham sido lidos, e também os livrinhos que os meninos delas já não queriam mais ler. Quando chegava a noite e ela ia passar as roupas que lavava de dia, mamãe escolhia os livros e

¹ Partes deste artigo foram apresentadas em um Evento de Pesquisa em Design de 2024. Estas informações serão incluídas na versão final do artigo.

² O Prêmio Jabuti é um patrimônio cultural e referência entre os prêmios literários do país ativo desde 1958. Por meio dos eixos: Literatura, Não Ficção, Produção Editorial e Inovação, distingue obras e autoras/autores.

³ Rui de Oliveira (Rio de Janeiro, 1942) é um premiado autor, ilustrador e animador brasileiro. Professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde lecionou durante 30 anos no curso de Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes. Recebeu o Prêmio Jabuti na categoria ilustração infantil ou juvenil em 2003 com *Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagem*.

⁴ Congregação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, fundada por São João Bosco e cofundada por Santa Maria Domenica Mazzarello, sendo um ramo feminino da família salesiana.



botava a gente sentada para ler. Para os pequenos, ela mesma lia, e cantava. Ela lia demais! Mamãe sabia de muita coisa porque ela lia, lia mesmo. Foi mamãe que botou os livros na mão da gente (Lobato e Lage, 2024, p.6).

Com 13 anos Mazza se mudou com a família, formada pela mãe, Amarílis (mais conhecida por Dona Penninha), lavadeira recém-viúva, e nove irmãos, para Belo Horizonte, onde fundaria sua casa editorial. Formou-se em contabilidade e auxiliar de escritório pelo Colégio Comercial Tito Novais, conciliando o trabalho durante o dia de secretária com o Dr. Otávio Costa (médico para o qual a tia de Mazza lavava roupas), e os estudos no período noturno (Gomes, 2007; Lobato e Lage, 2024).

Depois de quatro anos trabalhando com o Dr. Otávio, eu decidi sair de lá porque estava ganhando muito pouco. Saí escondida de mamãe. Eu já tinha feito um curso de datilografia, pensei em trabalhar com isso, por isso escrevia para a seção de emprego do Estado de Minas. Eu mandava a carta, recebia o retorno e me chamavam para fazer a entrevista. Meu português era bom, eu fazia o teste, não tinha problema nenhum. Mas na hora do resultado... nada. Era porque exigiam “boa aparência”. (Lobato e Lage, 2024, p.8).

Mesmo formada e apta a trabalhar no setor de datilografia na gráfica do PABAE⁵, Mazza aceitou a vaga de emprego para a limpeza oferecida pelo responsável do setor, Henrique Vicente Correia,⁶ e desde então nunca mais se afastou do universo da produção e distribuição de livros. Nas horas de almoço e nas folgas pediu para os colegas de trabalho que a ensinassem os processos. Assim, no final de três meses, estava na intercalação⁷. No final de seis meses, estava na composição. E no fim do ano disse conhecer o processo todo (Gomes, 2007; Lobato e Lage, 2024).

O fato de Mazza não conseguir se inserir no mercado de trabalho na sua área de formação, com vagas abertas para cargos que estava apta a ocupar, demarca algumas das impossibilidades para mulheres negras ascenderem e vai ao encontro com o pensamento de Gonzalez (2020) sobre a atualização do período escravocrata, que posicionou e posiciona a mulher negra aos papéis de “mulata doméstica” e “mãe preta”.

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito quilombola não a deixa soçobrar (Gonzalez, 2020, p.52).

No mesmo período, Mazza entrou em contato com o estudo da editoração, fazendo parte da segunda turma do recém-criado curso de Jornalismo da UFMG, em seguida esteve à frente da Editora do Professor, Livraria do Estudante⁸, Grafiquinha⁹, e Editora Vega¹⁰, publicando

⁵ Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar, em atividade de 1956 até 1964, fruto de convênio entre os governos dos Estados Unidos e de Minas Gerais, na época sob a secretaria de Abgar Renault (Minas Gerais, 1901-1995).

⁶ Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar, em atividade de 1956 até 1964, fruto de convênio entre os governos dos Estados Unidos e de Minas Gerais, na época sob a secretaria de Abgar Renault (Minas Gerais, 1901-1995).

⁷ A intercalação é parte da técnica utilizada para a montagem ou arranjo de cadernos (conjunto de páginas — em geral, 4, 8, 16 ou 32 — impresso em uma só folha, na frente e no verso) ou de folhas avulsas na sequência para que as páginas fiquem na ordem correta durante as etapas seguintes do processo de encadernação de publicações. A intercalação correta e a dobra das folhas impressas, resultam em uma sucessão de cadernos ou folhas, que constitui o miolo da publicação.

⁸ Livraria do Estudante foi também um ponto de encontro de universitários, pintores e poetas. Regado à torresmo e pinga.

jovens escritores e a efervescente produção intelectual universitária do período ditatorial. No final dos anos 1970, informada sobre o Movimento Negro, enquanto fazia seu mestrado na França, pela Universidade Paris 13 (fruto de bolsa obtida junto à Capes), após um breve estágio pela Unesco em Guiné-Bissau, acessou experiências editoriais da Itália, Espanha, Alemanha e Inglaterra, e se deu conta de que em mais de 20 anos trabalhando com editoração, não havia publicado nenhuma autora ou autor negro (Gomes, 2007; Lobato e Lage, 2024).

Na universidade que eu frequentei em Paris, tinha muitos estudantes africanos. Foi a primeira vez na vida que eu vi um negro autêntico. Quando eu vi aqueles negros pela primeira vez, eu não acreditei! Aí que eu fui entender porque que tinha aquele negócio de americano falar “black is beautiful”. Eu descobri isso lá. E fui descobrir que tinha escritor negro, poeta negro, não sei mais o quê... (Lobato e Lage, 2024, p.13).

Foi esta a faísca para aquele que se tornou seu grande projeto de vida: a casa editorial Mazza Edições, que nasceu com o propósito de publicar obras referentes à cultura afro-brasileira, de modo que assumissem o ponto de vista enunciativo do colonizado, em vez de falar da história do ponto de vista do colonizador.

Filiamo-nos ao pensamento de Nascimento (1985) para propor aqui a ideia de quilombo como estratégia de resistência e inclusão contemporânea. Lembrando que, no passado, os quilombos configuraram-se no Brasil como potentes sociedades organizadas e autossuficientes que geraram enorme risco ao sistema colonial da época escravocrata. Subverteram o sistema que dominava toda a atividade produtiva brasileira, por meio do encontro de grupos de etnias comuns compartilhando um espaço territorial, e votados para um tipo de economia. Nessa perspectiva, aderimos à proposta de Nascimento (1985) do quilombo enquanto tecnologia que, no passado, possibilitou a sobrevivência de pessoas, identidade e culturas negras, e segue hoje, configurando-se como dispositivo tecnológico de resistência, o qual Mazza se apropriou.

Com uma máquina de composição, uma máquina de impressão bem desgastada, manual, e a procura de Mazza por intelectuais negras e negros para escrever os textos dos livros, surgiu em Belo Horizonte, em 1981, a Mazza Edições. Mazza conta que para a primeira coleção intitulada “Essa História Eu Não Conhecia”, não havia dificuldade em encontrar autoras e autores para textos longos, mas em encontrar pessoas dispostas a redigir “um texto condensado, simplificado, um texto que qualquer pessoa compreendesse” (Cardoso, 2011, p.15).

Certo dia, alguém chegou com um texto mimeografado chamado ‘A Escravidão no Brasil’, de Maria Raimunda, uma professora de escola pública do Maranhão, que, diziam, com aquele livrinho fazia um furor e foi perseguida demais. Encontramos essa mulher, pedimos a autorização dela e lançamos o primeiro número”. Foram cinco edições. Depois dele, outros três seriam editados, incluindo um sobre a Mulher Negra e outro sobre Zumbi dos Palmares. (Cardoso, 2011, p.15).

Apesar da qualidade das ilustrações e a representação respeitosa das personagens negras nos livros sempre foi uma preocupação para a editora, a busca por ilustradoras e ilustradores negras e negros para as capas e os livros ilustrados se estendeu por bons anos de publicação

Uma de suas figuras ilustres foi o cantor Chico Buarque.

⁹ Pela Grafiquinha, com “Tremor de Terra”, Luiz Vilela ganhou o Prêmio Nacional de Ficção de 1967.

¹⁰ Um dos fundadores da editora foi Edgar da Mata Machado (advogado, jurista e deputado), que era pai de José Carlos da Mata Machado, morto pela ditadura militar.

da editora. De modo que os primeiros ilustradores¹¹ foram homens brancos direcionados por Mazza sobre como trabalhar a personagem negra. Eles chegavam a fazer por volta de 4 estudos até que chegassem ao resultado esperado, sobretudo com relação as características fenotípicas das personagens.

São algumas das autoras e autores ilustres que foram publicados pela primeira vez pela Mazza Edições: Conceição Evaristo, Edmilson de Almeida Pereira, Nilma Lino Gomes, Cidinha da Silva e Kiusam, mas a preocupação da editora nunca foi de fazer bestseller. Nos primeiros 20 anos, para se manter publicando temas étnico-raciais, a editora publicou poetas que conseguiam pagar pelas próprias obras:

O mercado editorial e as grandes editoras, de modo geral, são todas da branquitude, e seu negócio é vender. [...] as grandes editoras pegam, de preferência, aquilo que sentem que vai dar retorno financeiro. Vamos supor que eu tivesse que vender todo o catálogo da Mazza Edições, por exemplo. Os autores que eu publiquei, que são muito bons, interessam ao público. Mas o meu catálogo não seria todo publicado, entendem? Só parte dele. Só aquilo que se encaixa nas expectativas do mercado. (Lobato e Lage, 2024, p.20-21).

É a partir de 2003, com a promulgação da Lei 10.639 (primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva), que determina a inclusão da História e Cultura Africana e Afro-brasileira no ensino médio e fundamental, que a Mazza Edições passa a atingir outros públicos, vendendo mais livros para as escolas, incluindo títulos para o Ministério da Educação. Mesmo com a editora já consolidada, é também a partir desse período que ilustradoras e ilustradores, negras e negros, passam a integrar o catálogo da editora em grande parte dos títulos. Não por acaso, as obras publicadas pela Mazza Edições que fazem parte da exposição Karingana, corpus desta análise, são do período de 2009 – 2022.

3. A EXPOSIÇÃO KARINGANA

A exposição “Karingana: Presenças negras nos livros para as infâncias”, de 2023, consiste na apresentação de reproduções, em grande parte, fiéis as dimensões dos originais, de algumas ilustrações extraídas de livros publicados no Brasil, por meio de um recorte da produção contemporânea de ilustradoras e ilustradores negras e negros, de amplo arco de técnicas e abordagens. Com curadoria de Ananda Luz¹², a exposição reuniu 92 trabalhos de 47 artistas a partir da pesquisa de Ananda, dedicada ao tema. Foi realizada pelo Sesc Bom Retiro e como parte integrante do projeto “Omodé¹³: Festival Sesc de Arte e Cultura Negra para a Molecada”.

A proposta de reunir trabalhos de artistas negras e negros extraídos de livros ilustrados publicados no Brasil, dialoga com a estratégia de resistência e inclusão do quilombo, proposta por Nascimento (1985) e articulada por Mazza desde a fundação de sua casa editorial, voltada a publicar e difundir autoras e autores, ilustradoras e ilustradores, negras e negros.

Filiamo-nos a Cury (2005) para descrever a exposição, entendendo a avaliação técnica como a análise crítica do projeto e design da exposição. Compreendemos com isso o design expositivo enquanto parte integrante do discurso da exposição, sendo a mediação do público

¹¹ Luis Carlos Gazinelli e Walter Lara foram os primeiros ilustradores de Mazza Edições.

¹² Ananda Luz é mestre em Ensino e Relações Étnico-raciais (PPGER-UFSB), doutoranda em Difusão do Conhecimento (PPGDC-UFBA), e coordenadora da pós-graduação “O livro para a infância”, na A Casa Tombada.

¹³ Omodé foi uma mostra artística e educativa que aconteceu entre junho e agosto de 2024, no Sesc Bom Retiro, oferecendo apresentações de teatro, dança e música, exibições de filmes, exposição, atividades físico-esportivas, ações formativas e bate-papos. Suas atividades se inserem no contexto do aniversário de 20 anos da Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afrobrasileira na educação pública e privada.

com os trabalhos expostos. Cury (2005) destaca que a análise expositiva pode ou não corresponder à proposta apresentada pela instituição, a depender de uma miríade de fatores que influenciam processos de desenvolvimento e montagem.

Nesse sentido, para a avaliação técnica, utilizamos quatro das categorias propostas por Cury (2012, 15-17), entendendo serem as mais pertinentes aos objetivos deste estudo. São elas: a) lógica discursiva, ou seja, como a lógica discursiva da exposição se relaciona com a(s) disciplina(s) abordada(s) e a comunicação? b) Colocação pronominal, relacionado a quem fala eu, nós? A colocação pronominal se relaciona com a forma como o museu se apresenta ao público enquanto autoridade? c) Retórica linear ou episódica? É classificatória (taxonômica), temática, cronológica etc.? Em que medida as áreas de conhecimento abordadas influenciam na elaboração discursiva da exposição? d) E expografia (tradicional, cenográfica, tecnológica, sensorial etc.?). Em que medida as áreas de conhecimento abordadas influenciam na elaboração da expografia?

Ressaltamos que Karingana é um termo de origem moçambicana. Configura-se parte de um diálogo entre quem conta uma história e quem escuta. Como um convite para o ouvir e acolhida para o contar, em Moçambique é comum ouvir quem conta uma história falar “Karingana ua Karingana”, e quem deseja ouvir a história falar “Karingana”. Não é somente pergunta e resposta, mas o exercício de pensar que as histórias reverberam na coletividade. Em quem conta, em quem ouve, em quem ilustra, em quem escreve, em quem edita, em quem lê...

Ao nomear a exposição, tivemos o cuidado de buscar um nome que imprimisse toda a experiência e encantamento que estão vivos nesse percurso. Porque o ato de nomear é dar vida à exposição e tudo o que ela pode dialogar com você, conosco. Nomear se torna um ato de amor e valorização, mas principalmente de proporcionar existência e construção de identidade. Por múltiplos caminhos, essa exposição se propõe ao encontro com infinitas formas de existências. (Luz, 2023, p.5).

Essa lógica discursiva está presente também na identidade visual da mostra, que traz 6 símbolos das culturas africanas, assim como o título da exposição de origem moçambicana – Karingana. São eles os adrinkas¹⁴, como o Sankofa, a figura do pássaro que volta seu bico para a ponta do rabo, símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro. Os adrinkas foram utilizados como padrões e elementos visuais para a identidade das peças gráficas, como as paredes, os vídeos e o catálogo da exposição.

É relevante explicitar que tanto o espaço expográfico como o catálogo da exposição apresentam textos escritos pela curadora Ananda Luz e textos escritos por algumas das autoras e autores de obras literárias presentes na mostra. Esse ponto é importante porque demarca a colocação pronominal da mostra/museu em um movimento que desloca a ideia de uma visão única sobre as questões étnico-raciais, além de demarcar o senso de construção na coletividade.

O projeto expográfico de Karingana, disponibilizou almofadas para que o público sentasse, indo ao encontro da ideia da roda de contação de histórias, produzindo um percurso de circularidade que poderia ser feito por qualquer uma das duas entradas do espaço expositivo. Além das obras expostas nas paredes, a proposta apresentou obras em painéis dobráveis dispostos de tal modo ao centro da mostra, que impediam um percurso linear. Demarcando assim uma retórica marcada pelas temáticas negras circunscritas a dois grandes eixos: os artistas e as suas obras.

¹⁴ Adrinkas são ideogramas, um dos muitos sistemas de escrita do continente africano, usados pelos povos de língua acã, presentes principalmente na África Ocidental, em destaque entre os Ashanti, no país Gana.

A não linearidade é um dos aspectos apontados por Santos (2007) para demonstrar os contrapontos entre os pensamentos das matrizes culturais dos colonizadores, e as matrizes culturais dos contra colonizadores (aqueles que não se baseiam em princípios criados na Europa, como as comunidades de cosmovisão afro-pindorâmicas¹⁵). O autor explicita que o primeiro, povo eurocristão monoteísta, tende a se organizar de maneira vertical e/ou linear, e o segundo, povos pagãos politeístas, tendem a se organizar de forma circular e/ou horizontal.

Isso não significa que a circularidade é exclusiva de África e, por consequência, de descendentes de africanos escravizados, mas é uma característica central para o complexo cultural negro, e por isso faz parte de diversas construções simbólicas como é o caso do fluxo da exposição Karingana. São exemplos da centralidade da circularidade para as populações negras as rodas de samba, rodas de capoeira, e as giras de religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, em que os orixás e entidades se movimentam de modo circular em torno de uma roda de pessoas.

Com relação ao espaço arquitetônico, diretamente ligado à expografia em Cury (2012), destacamos seu caráter cenográfico e tecnológico, com as instalações criadas a partir de algumas ilustrações, como o peixe de Zeka Cintra; o painel de quadrados giratórios que de um lado apresentava os rostos de todas as artistas e os artistas que compunham a exposição, e do outro as respectivas capas de livros dos quais se extraíram as ilustrações da mostra; e a interatividade com telas e áudios com recursos de acessibilidade como audiodescrição, recursos táteis e libras.



Figura 1. Instalação baseada na ilustração de Zeka Cintra para “Oranyam e a Grande pescaria”.

Fonte: Os autores

As ilustrações extraídas das obras “Koumba e o Tambor Diambê” (2009), ilustrada por Rubem Filho e escrita por Madu Costa; “O Príncipe da Beira” (2011), ilustrada e escrita por Josias Marinho, “Oranyam e a Grande pescaria” (2014), ilustrada por Zeka Cintra e escrita por Dayse Cabral de Moura; “Embolando palavras” (2014), ilustrada por Rubem Filho e escrita por Madu Costa; “Dandara Guerreira em cordel” (2022), ilustrada por Carol Fernandes e escrita por Madu Costa, são corpus desta pesquisa por serem publicações da Mazza Edições presentes na exposição Karingana.

Ressaltamos que das 3 ilustrações mais antigas da mostra, de 2009, uma é extraída da obra “Koumba e o Tambor Diambê”, ilustrada por Rubem Filho, escrita por Madu Costa e

¹⁵ Afro-pindorâmicos é um termo que se refere aos descendentes africanos e indígenas/pindorâmicos em substituição às designações empregadas pelo colonizador (Bispo, 2007).

editorada pela Mazza Edições. Sendo indício do pioneirismo em editoras negras, ainda que a curadoria da exposição não tenha explicitado tal informação.



Figura 2. “Koumba e o Tambor Diambê” e “O Príncipe da Beira”.
Fonte: elaborado pelos autores, adaptado de Luz (2023) pescaria”.



Figura 3. “Embolando palavras”, “Dandara Guerreira em cordel” e “Oranyam e a Grande
Fonte: elaborado pelos autores, adaptado de Luz (2023)

As ilustrações extraídas de obras editadas pela Mazza Edições expostas em Karingana, postas em conjunto, demonstram a diversidade da estética e cultura negra, materializada pelas técnicas diversas que as/os ilustradoras/es da mostra apresentaram, por meio de seus trabalhos, e os diversos temas com os quais as obras literárias dialogam. São diversos os penteados, as tonalidades de peles negras, e os traços fenotípicos contemplados nas ilustrações. Ilustrações digitais, xilogravura e colagem são algumas das técnicas utilizadas.

Destacamos a relação dessas imagens produzidas pelas ilustradoras e ilustradores em Karingana com a ideia de poética negro-brasileira, a qual Cuti (2010) descreve como a produção daquelas e daqueles artistas que se autodenominam negras e negros, e apresentam em suas obras um ponto de vista negro, que emerge não só na temática, mas nas diversas características de suas produções como o vocabulário e a construção de personagens.

Nesse sentido, ao assumirem ideologicamente suas identidades, essas e esses artistas, elaboram poéticas que se fazem como contrafala ao discurso oficial neutro e branco, a partir de produções diversas de vozes plurais, marcadas pela “escrevivência”: uma narrativa que se relaciona diretamente à existência das pessoas negras, às dores e alegrias vivenciadas por essas mulheres e homens, bem como ao posicionamento de cada um deles diante do mundo que habitam (Evaristo, 2020).

Apesar da diversidade de representações e discursos acerca das questões étnico-raciais, notamos que esta rede de trajetórias profissionais que se conectam, tendo o livro como ponto de partida, se dá a partir e para a chave da educação. Autoras e autores, ilustradoras e ilustradores, curadoria e a editora Mazza, são professoras/pesquisadoras, professores/pesquisadores com projetos de vida dedicados a produzirem e compartilharem arte, informação e conhecimento, sobre e especialmente, voltado para a leitora negra e o leitor negro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um universo editorial onde predominam editoras, autores e ilustradores brancos, aproximar aspectos históricos da casa editorial Mazza Edições, sua editora Mazza, e a produção de articulações simbólicas entre o trabalho exposto, o espaço arquitetônico construído e a disposição cenográfica das peças da exposição Karingana, nos ajudou a mapear espaços e pessoas que tomam a frente para garantir a produção e circulação de pessoas negras no meio editorial.

Por se tratar de uma aproximação com o assunto, neste texto procuramos apresentar o tema a fim de dar início a algumas das possibilidades de reflexões que as práticas de design admitem. Assim, entendemos que aos modos de um quilombo, a editora Mazza e a mostra Karingana, atuam como territórios de disputa e reconexão da/com a negritude. Possibilitando livre trânsito de ideias e sujeitos situados no cerne da contestação dos modelos instituídos, atuantes na transmissão de conhecimento e sua circulação, por meio de estratégias como o aquilombamento, para operar a favor de transformações nas estruturas sociais.

Em última instância, estas ilustradoras e ilustradores estão produzindo poéticas que se fazem como contrafala ao discurso oficial, a partir de pontos de vistas negros para reverberar em favor de uma reconstrução crítica da história e do mundo que habitam.

Ressaltamos que, apesar de a curadoria descrever a mostra como “a apresentação de um panorama das ilustrações negras no Brasil” (Luz, 2023, p.3), as ilustrações presentes na exposição foram extraídas de obras literárias publicadas a partir de 2009, sem explicitar as motivações/limitações para o recorte temporal. Sendo a promulgação da Lei 10.639, início de um aumento significativo das produções e organizações negras no meio editorial, como no caso da Mazza Edições.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Edson Lopes. *Maria Mazarello - Mazza: A mulher e a editora vitoriosa*. Iguanalista, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.58079/pwby>. Acesso em 06/24.

CURY, Marília Xavier. *Análise de exposições antropológicas: subsídios para uma crítica*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: ANCIB, 2012. v. 1 p. 120.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.



CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. in: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado Nunes. *Escrevivência: a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LOBATO, Paula; LAGE, Igor. *Em torno dos livros, para além deles, em comunidade: Maria Mazarello Rodrigues*. Cosmopolíticas Editorias, 2024.

LUZ, Ananda. *Karingana: presenças negras no livro para as infâncias*. São Paulo, Sesc: 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. Afrodiáspora, Rio de Janeiro, n 6/7, 1985.

POR uma memória editorial. Leticia Santana Gomes. Belo Horizonte: Minas Gerais, 2007. Disponível em: <https://vimeo.com/131870182>. Acesso em: 12/2023.

SANTOS, Antônio Bispo. *Quilombos, Modos e Significados*. Editora COMEPI, Teresina/PI, 2007.

